



# Política e festejos, no primeiro voo a Cumbica

Um comerciante internacional garantia que ia sentir saudades de Congonhas; o comandante Geolá Weidlich — 25 mil horas de voo — via um novo campo aberto à aviação civil brasileira; os uniformes azuis da Aeronáutica, carregados de estrelas prateadas do alto oficialato, se confundiam com as roupas coloridas de senocentos passageiros que tinham viajado a noite inteira; nove comissários de bordo distribuíam chaminpanha Don Perignon, safra 1975, e medalhas comemorativas ao voo inaugural. Cerca de 20 jornalistas tinham 35 minutos para registrar as impressões do primeiro pouso comercial no Aeroporto Internacional São Paulo/Guarulhos, o de Cumbica, que, na linguagem da aviação internacional, fica com a sigla ORU (Congonhas é CGH; Galeão, RIO).

O voo 881 da Varig, procedente de Nova York, estava preparado para algo excitante, porém mais solene. Afinal, entre os passageiros embarcados no Rio, esperava-se a presença, a bordo, dos ministros Délio Jardim de Mattos e Delfim Netto, além do brigadeiro Waldyr Vasconcelos — chefe do Estado-Maior das Forças Armadas — e outros altos oficiais. Mas Delfim e Délio chegaram com o governador Franco Montoro, logo depois em outro avião.

O primeiro voo comercial a Guarulhos fugiu do inusitado. Para começar, era anormal a vinda de um Boeing 747 — um Jumbo de dois andares — para tão próximo de São Paulo onde a pista de Congonhas não suporta tal pouso. Depois, era fácil perceber-se entre tripulantes, autoridades e passageiros a emoção de receber cumprimentos e rápidas honrarias por estarem no primeiro avião que desceria na pista de três mil metros de um conjunto aeroportuário que vai aumentar a capacidade de seus terminais até o fim do século.

Mesmo antes do embarque, no aeroporto do Galeão, dezenas de oficiais da Aeronáutica preparavam-se na sala vip para participar de um evento "que tinha a marca da arna da aviação", já que todo o mérito da obra é creditado ao ministro da Aeronáutica. E o Boeing de prefixo CWC tinha lugar para todos os sentimentos: veio com seus 270 lugares ocupados, desde Nova York, mas um quarto da lotação ficou no Rio, permitindo assim que os convidados embarcados destrussem de rápidos 35 minutos que "mal dão para os procedimentos de subida e descida do Rio a São Paulo", segundo brincava o comandante Geolá.

Enfocados pela imprensa durante toda a semana, os detalhes do novo aeroporto e até da viagem inaugural foram esquecidos no voo, para que tanto o ministro-chefe do EMFA como o brigadeiro Luís Felipe Lacerda Netto — diretor-geral do DAC e candidato de Délio Jardim de Mattos para o Ministério da Aeronáutica — se pronunciassem sobre o momento político. Waldyr Vasconcelos disse que espera de Tancred "um bom governo", não é a favor do Ministério da Defesa "que consumiria recursos muito grandes que o Brasil não dispõe, no momento", e demonstrou fidelidade à Constituição, garantindo que os militares acatarão naturalmente à legalização dos partidos proscritos mesmo que "filosoficamente se seja contra os totalitários que não deviam ter vez numa sociedade aberta".

Luís Felipe, tenente-brigadeiro de quatro estrelas "em final de carreira mas com muita vontade de ainda trabalhar", acha que deve à imprensa, a indicação de seu nome ao Ministério da Aeronáutica, porque nem extra-oficialmente alguém lhe comentou a possibilidade. Diretor do DAC há dois anos, ele preferia ver "com enorme esperança o surgimento de novo aeroporto, como sendo mais um extraordinário marco na

avição civil brasileira, que dá a São Paulo um terminal aéreo compatível com sua grandeza."

De repente, nas três telas de cinema do Jumbo, uma surpresa para todos: um pequeno documentário mostrando as obras do aeroporto em que se iria pouso nos próximos cinco minutos e o centro das atenções dos jornalistas volta a ser a aviação, e especialmente, Guarulhos. Nada mais estranho para todos do que esta chegada na capital: em vez da rota que passava sobre Santos e, logo depois já encontrava o começo da concentração maciça de edifícios que levava a Congonhas, muito verde. Muitas matas e rios na aproximação para o pouso que sobeava partes do Vale do Paraíba. Nenhum animal da grande cidade, é como se estar pouso em outro lugar. Quando o Boeing da Varig toca suavemente a pista de 3 mil metros, o presidente da companhia, Hélio Smidt, brinda com chaminpanha o fim das conexões no Rio e o passageiro Michel Grossmann diz que "prefere esperar para ver se o transporte rodoviário a partir de Guarulhos será eficiente a ponto de não causar transtornos a quem se utiliza do voo internacional, pelo menos, quatro vezes ao mês."

Michel, 42 anos, é vendedor de uma firma de exportação com sede em São Paulo e viaja tanto pelo Brasil como pelo mundo inteiro. Tinha embarcado em Nova York na noite anterior, esperando chegar em casa antes das 11 horas — mora na Alameda Lorena — para almoçar e, no fim da tarde, seguir para Santa Catarina num voo noturno, onde manobreceria para continuar o trabalho. "Já senti que alguns negócios que me tomavam um dia com decolagem e pouso de volta, em Congonhas, não vão ser mais possíveis. Espero que não seja pior do que estou imaginando, mas já sinto saudades de Congonhas", desabafou enquanto se preparava para descer em Guarulhos pela primeira vez.

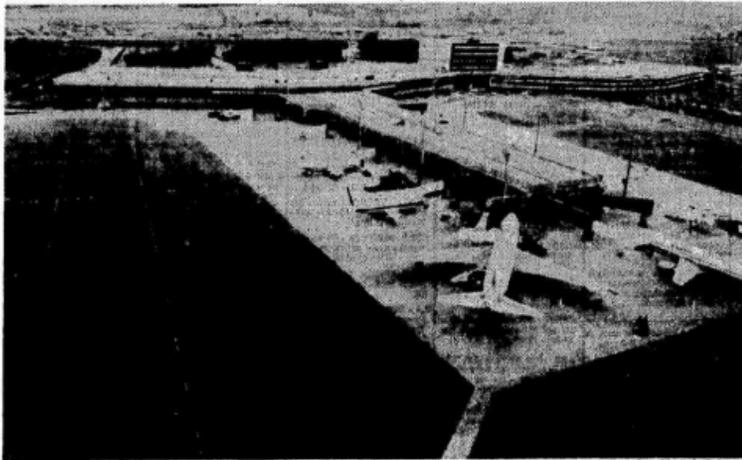


Foto Osvaldo Láz Perleiro

O aeroporto pode atender, em sua primeira fase, 7,5 milhões de passageiros por ano

## Na inauguração, 2 mil convidados

A solenidade de inauguração do Aeroporto Internacional São Paulo/Guarulhos teve início logo após a chegada do ministro da Aeronáutica, Délio Jardim de Mattos, do governador do Vale do Paraíba, nenhum animal da grande cidade, é como se estar pouso em outro lugar. Quando o Boeing da Varig toca suavemente a pista de 3 mil metros, o presidente da companhia, Hélio Smidt, brinda com chaminpanha o fim das conexões no Rio e o passageiro Michel Grossmann diz que "prefere esperar para ver se o transporte rodoviário a partir de Guarulhos será eficiente a ponto de não causar transtornos a quem se utiliza do voo internacional, pelo menos, quatro vezes ao mês."

Michel, 42 anos, é vendedor de uma firma de exportação com sede em São Paulo e viaja tanto pelo Brasil como pelo mundo inteiro. Tinha embarcado em Nova York na noite anterior, esperando chegar em casa antes das 11 horas — mora na Alameda Lorena — para almoçar e, no fim da tarde, seguir para Santa Catarina num voo noturno, onde manobreceria para continuar o trabalho. "Já senti que alguns negócios que me tomavam um dia com decolagem e pouso de volta, em Congonhas, não vão ser mais possíveis. Espero que não seja pior do que estou imaginando, mas já sinto saudades de Congonhas", desabafou enquanto se preparava para descer em Guarulhos pela primeira vez.

afirmou que São Paulo, cuja população atinge cerca de 15 milhões de habitantes, "recebe um aeroporto que, por sua grandeza, perfeição e inovação, será o elemento propulsor de nosso desenvolvimento". Acreditando que o novo aeroporto será também o cartão de visita da cidade, Montoro transmitiu o que ouviu de vários convidados: "É um aeroporto sem luxo, mas feito com austeridade".

Em seguida aos discursos do ministro e do governador de São Paulo, houve a cerimônia de transferência de jurisdição do Ministério da Aeronáutica para o Infraero e depois o ministro Delfim Netto encerrou a solenidade descerando a placa alusiva à cerimônia. Os convidados e as autoridades dirigiram-se então à outra saída, onde seria oferecido um coquetel, depois do qual seria dada uma entrevista aos jornalistas, mandados a distância o tempo todo. Mas a entrevista não aconteceu porque os ministros, o governador e a comitiva retiraram-se por uma porta lateral.

A quase três quilômetros do aeroporto, uma multidão de quase 20 mil pessoas, que desde as primeiras horas da manhã chegou para ver a nova atração, foi impedida de se aproximar. As 14 horas a multidão pôde entrar e em pouco tempo o local ficou em estado deplorável, devido à quantidade de barro que se acumulou por todas as dependências da nova atração da cidade.

O movimento do primeiro dia foi pequeno, mas todas as dependências do local estavam tomadas de tal maneira que quase não se podia ter acesso aos andares superiores em consequência da grande movimentação dos visitantes que levaram toda a família para conhecer a nova atração.

Todos muito sujos de barro, os adultos subiam nos cadeiras dos jardins do terraço, ao qual não se tem acesso senão passando por dentro dos pavimentos do aeroporto, para ter melhor visão da pista e as crianças subiam nas cadeiras transformando tudo numa imensa sujeira.